



***Fake News* Na Era Pós-Verdade: o combate à desinformação em época de pandemia¹**

Kellen de Lima Rocha ²
SANTOS, R. Mota dos ³
Faculdade Boas Novas, Manaus, AM

Resumo:

Este artigo tem como objetivo compreender as formas de reduzir a desinformação nas redes sociais e o engano nos compartilhamentos de informações falsas, buscando assim a importância da verdade. Não é de hoje que mentiras são propagadas, mas em tempos de pandemia, essa proliferação aumentou, sendo motivo de grande preocupação, levando o senado a aprovar o projeto de Lei nº 2.630/2020 “Lei das *Fake News*”, em 30 de junho de 2020. Tornou-se imprescindível identificar faixa etária e grau de instrução de quem compartilha *Fake News*, independente de raça, sexo, religião ou opinião política. Esse fenômeno se tornou global e a internet se tornou um campo fértil para disseminação de notícias falsas. A internet se tornou um poderoso instrumento para quem intencionalmente divulga essas notícias. Provavelmente, outra razão que justifique o repasse de notícias falsas, é o desejo de ajudar alguém. Hipoteticamente pode-se compartilhar notícias falsas, somente por falta de conhecimento para a busca da verificação da verdade. A pesquisa realizada neste trabalho pode ser classificada como exploratória e recorre inicialmente à revisão bibliográfica, a fim de apresentar conceitos de *Fake News* na Era Pós-Verdade, visando descrever a disseminação desse conteúdo para a escrita desse artigo.

Palavras-chave: Fake News; Compartilhamentos; Política; Covid-19.

Introdução

Este artigo se propõe compreender as formas de reduzir a desinformação nessa batalha digital com as *Fake News*, que tem ganhado notoriedade mundialmente pelo seu poder destrutivo, apesar de provavelmente outra razão que justifique essa desinformação seja o desejo de ajudar alguém.

¹ Trabalho apresentado no GT 05 Interfaces Comunicacionais do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

² Acadêmica do Curso de Comunicação Social Jornalismo da Faculdade Boas Novas - FBN. Email: kellenrocha78@gmail.com.

³ Professora Titular da FBN, Dra. em Teologia, Área de Concentração Educação e Religião pela EST. São Leopoldo/RS e Mestra em Educação Especial pela Universidade do Minho – Braga/PT. Email: raymota@educ.net.



Hipoteticamente, o compartilhamento dessas notícias falsas, pode ser fruto do desconhecimento dos meios para verificação da verdade. De qualquer maneira, as *Fake News* podem apresentar uma narrativa para fomentar as opiniões e pontos de vista de alguém com o intuito de desinformar ou exaltar qualidade e defeitos a imagem de empresas, organizações, instituições, atores, políticos etc.

O artigo visa compreender também os altos índices da disseminação de *Fake News*, em meio a Pandemia da COVID-19. Em seu bojo, um breve histórico do processo das notícias falsas no decorrer da história da humanidade, nos anos em que Adolf Hitler governou a Alemanha, na perseguição às mídias, na avalanche de desinformação nas redes sociais, como Instagram e Facebook, e no combate à alienação dessas propagações mentirosas.

Diante disso, o presente artigo, apresenta um estudo descritivo, com o intuito de identificar quais elementos podem conter indícios que caracterizam as fonte de informação fidedigna na disseminação de conteúdos e as fontes de desinformação, propagadores de *Fake News*.

Contextualização do termo *Fake News*

A proliferação de mensagens falsas, em meio a uma pandemia, se consolida principalmente pelo negacionismo⁴ diante o quadro de letalidade do Coronavírus e, também, por brigas no campo político, apresentando distorção de fatos com a finalidade de falsificação na política, trazendo com isso um sofrimento Mundial com o impacto dessas informações. Muitos não sabem, mas, Hitler chegou ao poder sem nunca ter sido eleito, chegou como o “salvador da Pátria”, propagando informações inverídicas. Assim, esse método de distribuição de *Fake News* é usado em qualquer campo da vida humana, que se queira atingir.

O termo *Fake News* alcançou popularidade justamente no campo da política no ano de 2016, nas disputas eleitorais para o cargo de presidente dos Estados Unidos da América

⁴ Ideologia da pessoa que nega ou não aceita um fato comprovado e documentado, analisando esse fato com argumentos ou pontos de vista sem fundamentos históricos; revisionismo: negacionismo da ciência.



(EUA). Mas a propagação de notícias falsas existe desde a época de Jesus Cristo, quando a caminho do povoado de Cesareia, Jesus pergunta aos apóstolos: “Quem dizem os homens que eu sou?”. As respostas refletem os boatos da época: “Alguns dizem que é João Batista, outros que é Elias ou algum outro dos profetas”. Uma infinidade de histórias sem fundamento continuaram surgindo nestes dois milênios desde a passagem do Nazareno pela Terra.

Cidadãos escolarizados são facilmente enganados por notícias que oferecem inverdades, algumas são com teor humorístico e outras, claramente possuem o objetivo de injuriar a imagem de algum “inimigo”, outras por reforço de crença religiosa, cultural, etc.

Fake News se define nas circunstâncias ou contexto em que é atribuída grande importância, sobretudo social, política e jornalística, a notícias falsas ou versões verossímeis dos fatos apurados da verdade objetiva. Dada à importância e o impacto que as *Fake News* exercem na vida de bilhões de pessoas, é essencial estudar esse fenômeno e analisar meios de combater a sua propagação, as causas e efeitos desse fenômeno.

A Pós-Verdade (Post-Truth), também ganhou repercussão no ano de 2016 e foi eleita a palavra do ano, mas continua em alta nos tempos atuais e parece perdurar por muitos anos. Pós – Verdade não é a mesma coisa que mentira. Os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal.

Na prática desta modalidade, os cidadãos são massacrados por inverdades, desistem de tentar buscar a verdade e passam a aceitar a desinformação, ainda que sem consciência plena disso, e o que resta é escolher a versão que mais lhe traz segurança. Assim, a honestidade e a exatidão não são mais consideradas como maior prioridade nas trocas políticas, sociais, culturais e etc.

As “*Fake News*” na era pós-verdade



A Pós – Verdade é um neologismo⁵ que deu um novo sentido a uma “verdade” já existente. No fluir dos acontecimentos, diversas notícias falsas foram publicadas nos meios de comunicação em geral, e, consumidas pela população. Historicamente, a informação era controlada pelos grandes meios de comunicação, entretanto, até mesmo um grande meio de comunicação não está isento de cometer alguma falha ao transmitir uma mensagem falsa.

As *Fake News* são tão antigas quanto às notícias verdadeiras, mas, essa expressão, ganhou grandes proporções em novembro de 2016, nas eleições presidenciais norte-americanas.

Como candidato e presidente, Donald Trump⁶ depreciou a suposição de que o líder do mundo livre deve ter ao menos uma familiaridade oblíqua com a verdade: de acordo com o site PolitiFact, que checa informações e é ganhador do Prêmio Pulitzer, 69% das declarações de Trump são “predominantemente falsas”, “falsas ou mentirosas”. (D’ANCONA, 2018, p. 20).

A sua massificação toma dimensões na propagação por pessoas dispostas a aceitá-las e compartilhá-las, essa é à base das *Fake News*. As facilidades do acesso a informações permitem que, com isso, seja fácil a circulação desse tipo de conteúdo, tornando assim a disseminação global, seja por vídeo, imagens ou textos. Devemos estar alerta com o que compartilhamos para não sermos penalizados.

Quem tem a infelicidade de ser colocado num processo desses, terá de se convencer de que a vida vai mudar para sempre. O escândalo é um divisor de águas, e a forma de conduzi-lo – uma receita que requer boas doses de bom – senso e profissionalismo – irá definir toda a sua vida a partir de então (ROSA, 2007, p. 106).

Embora os jornais televisivos sejam tendenciosos nas suas informações, noticiando de acordo com a sua política, Matthew comenta que:

A mídia, sobretudo os canais de notícias que ficam 24 horas no ar, está constantemente sedenta por confrontação, o que, muitas vezes, cria a ilusão de uma luta entre posições igualmente legítimas, o que Kingsley Amis denominou “neutralidade perniciosa”. (D’ANCONA, 2018, p. 47).

⁵ Emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não. Atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua.

⁶ Ex-presidente dos Estados Unidos da América.



É necessário que as pessoas reconheçam seu papel dentro da comunicação e parem de acreditar em tudo que leem e desconfiem mais, sejam mais críticos. Se ler algo que gostaria de repassar, mas está com dúvidas, informe-se primeiro. A internet é um veículo de comunicação em massa excepcional, mas pode ser usado para o bem ou para o mal.

As *Fake News* “quebram” qualquer chance de um diálogo:

O surto das chamadas “notícias falsas” é a combinação de duas coisas: a polarização da sociedade civil e as redes sociais. E uma das dimensões desta guerra é o compartilhamento, seja para atacar o inimigo ou reforçar a posição do usuário. (ORTELLADO, 2018, Youtube).

Em 1933, ano em que Adolf Hitler⁷ se tornou chanceler da Alemanha, foi criado o *Volksempfänger*, que significava “rádio do povo”, a “ideia” era criar um rádio popular, vendido a preço baixo, mas, só se podia ouvir as rádios alemãs, captar sinal de outras emissoras estrangeiras, era perigoso. As estações alemãs, funcionavam sob censura e pregavam o nazismo. Acredita-se que já naquela época tinham sido produzidos Sete Milhões de notícias falsas.

No Brasil de hoje, 120 milhões de usuários compartilham *Fake News* através de dispositivos de aplicativos e redes sociais. (CAMPOS, 2018, p. 22).

Na versão moderna do autoritarismo – em que governantes não rasgam a Constituição, nem dão golpes de Estado Clássicos, mas corroem as instituições por dentro -, não é necessário censurar a internet. Nas “democracias iliberais”, segundo o vernáculo do primeiro – ministro húngaro Viktor – Orbán, basta inundar as redes sociais e os grupos de Whatsapp com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade e abafe as outras narrativas, inclusive e, sobretudo, as reais. (CAMPOS, 2018, p. 14).

No que diz respeito à política, a avalanche de desinformações muitas vezes é impulsionada com recursos de marketing. No Facebook⁸ ou Instagram⁹ se pode pagar para o conteúdo atingir um número grande de pessoas. Quanto mais esse conteúdo se

⁷ Adolfo Hitler, foi um político alemão que serviu como líder do Partido Nazista, Chanceler do Reich e Führer da Alemanha Nazista de 1934 até 1945. Como ditador do Reich Alemão, ele foi o principal instigador da Segunda Guerra Mundial na Europa e figura central do Holocausto.

⁸ Mídia Social e Rede Social Virtual, lançada em 4 de Fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e seus colegas de Faculdade.

⁹ Instagram é uma Rede Social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr, etc.



destaca, mais ele recebe “cliques e curtidas”. Muitos escritórios políticos também contam com sistemas automatizados, os chamados robôs ou *bots*, para dar engajamento a seus conteúdos e disseminar o seu ponto de vista.

Os americanos chamam isso de *Firehosing*¹⁰ (fire hose – mangueira de incêndio). Cujo objetivo é disseminar uma informação mentirosa em grande escala, levando as pessoas a aceitar esses conteúdos como verdadeiro:

O presidente americano Donald Trump e o seu colega brasileiro Jair Bolsonaro, também são fervorosos adeptos de procedimento, só viável pela multiplicidade de fontes de informação disponíveis hoje com a internet e as redes sociais. (CAMPOS, 2018, p. 20).

Ao longo do tempo a história registrou diversos casos de *Fake News* no meio político, com as celebridades e até com pessoas comuns. A título de exemplos temos o caso do político e general Marco Antônio, que cometeu suicídio ao ser influenciado pela notícia falsa da morte de sua mulher, Cleópatra, por suicídio. O caso da atriz Glória Pires, que teve sua vida devastada com a *Fake News* que seu marido Orlando Moraes, estaria vivendo um caso com sua enteada, na época com 15 anos. (Rosa, 2007)

. E quem nunca recebeu uma mensagem, falando sobre um carro preto que já sequestrou várias crianças?

Segundo D’Ancona, (2018) na política, isso só é possível porque os sentimentos que motivam os eleitores a apoiar os subqualificados presidentes Trump e Bolsonaro, foi a ideia que esses candidatos eram diferentes e talvez resolveriam suas ansiedades e esperanças por um futuro melhor.

Para o mesmo autor ainda comenta que:

Eles perderam seus empregos, os bancos executaram suas hipotecas, depois veio o divórcio, a mulher e os filhos foram embora e o carro foi retomado. Não tiram férias há anos e estão presos a planos de saúde de

¹⁰ Técnica de propagação de mentiras em larga escala e em fluxo constante, com o objetivo de afogar a opinião pública com mensagens e conseguir o monopólio da primeira impressão sobre determinados assuntos. (Scottini, Alfredo. Dicionário. Inglês – Português, Ed. Todolivro, 2019, p.464)



quinta categoria. Basicamente, perderam tudo o que tinham, exceto uma coisa [...], o direito de votar. (D'ANCONA, 2018, p. 36).

O Brasil passava por um momento complicado, principalmente econômico, e, Jair Messias Bolsonaro, aparecia como a solução para o Brasil apesar de seus pensamentos controversos com declarações consideradas retrograda e de mau gosto.

Desinformação e combate a alienação

O uso de notícias *Fake* como forma de manipulação, na vida de cidadãos e cidadãs não é algo incomum em governos, principalmente. A Era das *Fake News*, vem desenvolvendo vários meios de combatê-las, seja através de Leis, de especialistas em reputação, de grupos em redes sociais. No mundo, diversas pessoas, governos, empresas e celebridades sofrem impactos com notícias falsas.

Essas campanhas de desinformação preparam o terreno para a era pós-verdade e são letais para a democracia. Uma pessoa passa para o grupo familiar, que espalha para outros grupos e rapidamente se atinge a meta proposta. De fato, nunca houve um modo mais rápido e mais poderoso de espalhar uma mentira do que postá-la.

Conclui-se que há lucros a serem auferidos da linha de produção de embustes caça-cliques – afirmações médicas não científicas, teorias excêntricas, visões imaginárias de discos voadores ou de Jesus (...) Nunca o antigo adágio¹¹ de que a mentira viaja muito mais rápido do que a verdade pareceu tão atual. (D'ANCONA, 2018, p. 54).

Do mesmo modo que cada indivíduo, cada ser humano, constrói uma imagem de si próprio, e, dos outros, os grupos de pessoas, também constroem imagens sobre o que pensam de si mesmos, e sobre a sociedade na qual estão inseridos. Para esse último, é dado o nome de “opinião pública”. A imprensa profissional, que trabalha com fatos, e não achismo tenta inserir um sistema de valores dentro dessa “opinião pública”.

Como sabemos, Fake News circulam com muito mais velocidade que as notícias verdadeiras. Segundo um estudo do Massachusetts Institute of Technology, notícias falsas têm probabilidade 70% maior de serem

¹¹ Sentença moral de origem popular; anexim, ditado, provérbio.



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



retuitadas do que as verdadeiras. E as verdadeiras levam seis vezes mais tempo que as Fake News para atingir o número padrão de 1.500 pessoas. (CAMPOS, 2020, p.239).

Nos últimos anos, temos assistido uma forma completamente nova de se fazer política e de se posicionar culturalmente. A rixa entre “opiniões” deixou de ser tímida para ser franca e agressiva. Essa briga entre a massa e a elite midiática tem gerado prejuízos sem tamanho.

O usuário busca por sensações e os manipuladores de mídia sabem disso. O caos é um ambiente propício para a manipulação. Por outro lado, o sistema anterior da credibilidade também tem seus problemas de dependência de grandes estruturas e na ligação com investimentos e ideólogos que determinam os critérios do leitor (DEROSA, 2019, p.27).

A *Fake News* pode apresentar uma narrativa e fomentar as opiniões e pontos de vista, com um único objetivo, a desinformação. A exemplo das Eleições Americanas, o termo *Fake News*, também foi muito usado na eleição Presidencial do Brasil em 2018. E, essa eleição ficou marcada por um grande número de desentendimentos familiares e entre amigos, colocando “por terra” o ditado: política e religião não se discute. O motivo de tanto desentendimento? *Fake News!* (CAMPOS, 2020. p. 197).

E, por falar em política e religião. Lá na bíblia, já se falava em *Fake News*. O próprio Jesus foi alvo de *Fake News* durante diversos momentos de seu ministério. Quando Jesus dá às mulheres a missão de propagar as Boas Novas de que Cristo ressuscitou, líderes religiosos tramam para que essa notícia se abafe e outra seja dada no lugar:

Ordenaram o seguinte: - Digam que os discípulos dele vieram durante a noite, quando vocês estavam dormindo, e roubaram o corpo. “Se o governador souber disso, nós vamos convencê-lo de que foi isso mesmo o que aconteceu, e vocês não terão nenhum problema”. (MT 28:13-14).

Através da Bíblia temos a oportunidade de conhecer o caráter, os princípios e os valores de Deus. Uma das coisas que Ele mais valoriza é a sua Palavra, é a Verdade. “Seja, porém, a tua palavra: Que o “sim” de vocês seja sim, e o “não”, não, pois qualquer coisa a mais que disserem vem do Maligno. (Mt 5:37)”. Se há pessoas que tiram alguma



vantagem disso, entre elas não deve ser encontrado um cristão fiel. Desde sempre, a orientação de Deus é clara: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êx 20:16).

Infelizmente essa prática cresce a cada dia na igreja, indo contra a Palavra de Deus. Com o nome de *Fake News*, a mentira continua sendo prejudicial, tanto quanto foi no Éden.

É necessário haver nas pessoas um reconhecimento de seu papel no quadro de comunicação. As *Fake News*, “quebram” qualquer chance de um diálogo e, falando metaforicamente, pode-se dizer que esse tipo de notícia é um vírus que contamina a comunicação e promove manifestações das mais diversas.

E, falando de vírus, vivemos em meio a uma pandemia no cenário mundial, a COVID-19¹², um vírus que a transmissão acontece de uma pessoa doente para outra por contato próximo, por meio de gotículas de saliva, pelo espirro, tosse e catarro.

Nesse cenário, diversas *Fake News* foram publicadas e consumidas pela população, muitas dessas notícias questionavam as evidências científicas e eram disseminadas por alguns governantes, expondo a população à propagação de condutas inadequadas. Refletir sobre *Fake News* atualmente é pensar nas publicações com base nas evidências científicas e levar à população para melhor entendimento da verdade. Mas, não é incomum que as *Fake News* se utilizem de nomes de autoridades e cientistas, para plantar condutas equivocadas voltadas para pessoas leigas e que não procuraram buscar a veracidade da fonte.

Fontes de informação

São frequentemente aperfeiçoadas pelas tecnologias da comunicação e pelo avanço da Internet. Páginas Sociais como o Twitter, Facebook e Instagram, por exemplo, já tem criado medidas para combater a disseminação de *Fake News*. Dentre essas medidas está à exclusão de posts e até de contas que faltam com a veracidade da informação. Alguns sites e agências brasileiras desenvolveram ferramentas que ajudam a checar a veracidade das informações.

¹² Doença causada pelo coronavírus denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.



Dentre elas existe a Agência LUPA¹³, primeira do setor de checagem de fatos a ser criada no Brasil. Ela está ligada ao site Folha de S. Paulo e seus trabalhos estão diretamente ligados a fatos compartilhados em período de eleição. O envio de mensagens com conteúdo duvidoso pode gerar pânico desnecessário e desinformação em massa.

Circulou nas redes sociais a partir do Twitter, em dezembro de 2018 e foram compartilhadas 2,3 mil vezes só no Facebook, a “notícia” de que a jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S. Paulo teria sido condenada a pagar Duzentos Mil Reais de indenização ao presidente eleito, Jair Bolsonaro (sem partido), “por acusá-lo de propagar *Fake News* via WhatsApp.

A agência Lupa procurou a assessoria do Supremo Tribunal Federal e apurou que essa informação não constava no sistema do STF. Ainda vale ressaltar que foi criada uma conta *Fake* no Twitter do STF. Essa conta *Fake* tratava-se de um perfil de sátiras e carregava um logotipo semelhante ao do STF. A semelhança com a conta oficial era tão grande que a piada passou a ser levada a sério, com milhares de compartilhamentos.

Nesse processo de insinuação, Patrícia Mello Campos descreve:

Não entendo por que a imprensa precisa investigar, criticar e fiscalizar os governos. O presidente vai além. “Ele quer convencer as pessoas de que quem lê jornais fica ‘desinformado’”, e de que elas deveriam consumir informação diretamente das redes sociais dele e de seus apoiadores, sem filtros (CAMPOS, 2020, p.167).

As bombas midiáticas de Jair Messias Bolsonaro atacam princípios democráticos e está virando rotina. Ele decidiu atentar contra a democracia ao censurar o Jornal Folha de S. Paulo numa licitação de jornais com o Governo Federal, seguindo métodos de governantes ditadores. Os ataques de Bolsonaro à imprensa livre e a perseguição a jornalistas servem como estímulo para os criadores de *Fake News*, legitimados pelo discurso mentiroso do presidente.

A primeira lição do manual de combate à imprensa é sufocar a mídia em termos econômicos. Os jornais já vivem um contexto financeiro difícil no mundo. Há anos passam por crise em seu modelo de negócios. Poucos

¹³ LUPA é uma lente ampliadora de imagem e, por isso teve esse nome escolhido para a primeira agência de Fact Cheking (Verificação de Notícias) do Brasil.



veículos conseguem ter lucro, mesmo com a combinação de assinaturas e anúncios on-line. (CAMPOS, 2020, p.168).

Portanto, a pós- verdade está onde a ética não parece ser mais aceitável, surge como uma falta de comprometimento com a verdade. Para tanto, para que haja a pós-verdade é preciso dominação de meios de comunicação que veiculem as informações necessárias para a massa. Essas prioridades da pós-verdade no século XXI, são em partes, uma resposta para as mudanças no mundo.

Derrotar a Pós-Verdade

A pós-verdade não é uma tendência passageira e, a pior resposta é a passividade diante dos acontecimentos. Todos nós devemos nos tornar editores e, filtrar, checar e avaliar o que lemos.

O consumo de *Fake News* nos define. Compras on-line nos importam mais do que combater *Fake News* nas mídias sociais e isso estimula a passividade, que é muito importante para a pós-verdade. Não foram as armas e os exércitos que acabaram com a Guerra Fria, foi o homem, ele saiu às ruas e deu um basta. A coragem e a persistência são recompensadas com a verdade.

Nesse sentido, essas abordagens teóricas nos permite uma reflexão nas manifestações da disseminação de *Fake News* nas redes sociais, WhatsApp, na repercussão da imprensa e na vida de quem é vítima desses boatos. Pregar *Fake News* é não saber respeitar e tolerar o outro.

Pós – Verdade pode ser conceituada como afirmação e resolve problemas complexos com soluções simples. Algumas mídias fazem checagem, mas, outras usam a desinformação quando é de seu interesse. Cabe ressaltar que notícias falsas existem desde a época de Jesus Cristo, mas hoje, tomam proporções numa velocidade absurda.

Portanto, a sobrecarga de informações é muito grande, mas a responsabilidade de compartilhamentos de notícias sem os mínimos cuidados é de todos nós. Reduzir as formas de desinformação nas redes sociais e o engano nos compartilhamentos de informações falsas é o caminho para a busca da verdade.



Considerações finais

Compreender, as formas de reduzir a desinformação nas redes sociais e o engano, nos compartilhamentos, de informações falsas, buscando assim, a importância da verdade e a maneira como os fatos são propagados, atingindo níveis insustentáveis no Brasil. O objetivo principal da criação e disseminação de notícias falsas seja para exaltar qualidades ou buscar difamar a imagem de alguém.

A partir do momento que esse conteúdo falso é “viralizado”, por meio de compartilhamentos nas redes sociais, toma uma proporção de difícil alcance, levando possivelmente a um impacto devastador na vida de quem se deseja atingir. Outra razão que justifique o repasse de notícias falsas, é um verdadeiro desejo de ajudar alguém.

Para Vera Jourová, vice-presidente de Valores e Transparências da Comissão Europeia, os ataques à democracia promovida pela gigantesca onda de desinformação em todo o mundo, ganha espaço em todos os setores da sociedade.

No livro “A Era do Escândalo”, de Mário Rosa, se faz inúmeras críticas aos veículos de comunicação e aos profissionais, que constroem seu dia-a-dia em danos irreparáveis com base em seu próprio ponto de vista.

Neste sentido, segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, como as mudanças foram drásticas no cotidiano dos Brasileiros, e do mundo, essas mudanças, foram acompanhadas por um crescimento de informações desenfreadas e sem precisão, divulgadas todos os dias pelos meios de comunicação ou pelas redes sociais. Em consequência disso, foi criada a segunda mazela pandêmica, o que eles chamaram de “infodemia”, termo muito usado por eles, para classificar a informação como falsa e que compromete a credibilidade do respaldo científico.

Neste aspecto, pretende-se com este artigo compreender o fenômeno de propagação de notícias falsas, com uma velocidade imediata, alcançando milhões de pessoas em todo o mundo, em meio à primeira pandemia mundial, na era pós – verdade. Esse termo define as circunstâncias ou contexto em que é atribuída grande importância, sobretudo social, política e jornalística, a notícias falsas ou versões verossímeis dos fatos,



com apelo às emoções e às crenças pessoais, em detrimento de fatos apurados ou da verdade objetiva (Ex.: A mentira e os boatos alimentam a pós-verdade; o tema do momento é o pós-verdade nas redes sociais)

Enquadrando-se tipologicamente em uma investigação de caráter histórico, exploratório, e recorrem inicialmente à revisão bibliográfica usando como instrumentos de fontes, livros sobre a temática. Livros esses que visam evidenciar suas buscas, análise e crítica das versões contraditórias e confere a validade e veracidade dos fatos.

Portanto, em tese, as *Fake News* sustentam a pós-verdade como uma política de desinformação que se aproveita da fragilidade, da falta de ética nos ambientes virtuais, no cotidiano das pessoas, passando também por questões de crenças religiosas, culturais, de raças e colocando em questão até abordagens científicas.

Referências bibliográficas

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

D'ANCONA, Matthew. **Pós – Verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. 1ª Ed. [Brasileira]. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DEROSA, Cristian. **Fake News: Quando os jornais fingem fazer jornalismo**. 1ª. Ed. Florianópolis – SC: Estudos Nacionais, 2019.

JOUROVÁ, Vera. **A democracia vai sobreviver às fake news**. www.b9.com.br, 2021. Disponível em: <https://www.b9.com.br/140847/sxsw-2021-democracia-fake-news-plataformas/?highlight=fake%20news>. Acesso em: 16 de Mai. 2021.

MELLO, Campos Patrícia. **A Máquina do Ódio: Notas de uma repórter sobre fake News e violência digital**. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ORTELLADO, Pablo. **Polarização e Fake News: Casa do Saber**. São Paulo, 2020. 1h:36m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=raqR3Ng5xls>. Acesso em: 20 de Mar. 2021.

ROSA, Mário. **A Era do Escândalo: Lições, relatos e bastidores de quem viveu as grandes crises de imagens**. 4ª. Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2007.